

MDB não quer mais ouvir líder da Arena

Da sucursal de
BRASILIA

O líder do MDB no Senado, Paulo Brossard, informou ontem que não irá mais permanecer no plenário toda a vez que o senador Eurico Rezende ocupar a tribuna, admitindo que a bancada da oposição poderá seguir seu exemplo. "Já decidi, declarou, que não ficarei no plenário quando o líder governista falar. Não poderia permanecer calado e recelo que, ao pedir um aparte, seja ofendido e aí a coisa poderia tomar outro rumo".

Essa atitude do líder do MDB, que deverá ser acompanhada pela bancada oposicionista, levou o presidente do Senado, Petrônio Portella, a expressar sua preocupação pela possibilidade do surgimento de um impasse naquela casa legislativa. "Será que assim eles pensam demitir o líder do governo?", indagou Portella.

Indagado sobre como o Palácio do Planalto recebera as críticas feitas ao governo pelo senador gaúcho, o coronel Rubem Ludwig assessor de imprensa da Presidência da República, limitou-se a dizer que o assunto "está na área do Congresso", nada mais declarando a respeito.

O MDB, frente a um rompimento entre as lideranças, espera que o presidente do Senado, Petrônio Portella, cumpra o prometido e reúna a mesa diretora para discutir o problema. A in-

tenção é a de restabelecer o clima parlamentar, com respeito mútuo, coibir as retaliações pessoais, sem excluir a veemência nos debates.

Há dias que o senador Eurico Rezende está abrindo perigoso precedente com seu estilo agressivo. Ao invés de contestar as críticas do líder do MDB, tem procurado atacar pessoalmente Brossard, deixando de lado o mérito de seus pronunciamentos e buscando censurar seu comportamento num passado mais distante ou mesmo recente, revolvendo antigas posições e antigos conceitos.

Para evitar maior destaque às duras críticas do senador gaúcho, o líder governista partiu para a virulência e alcançou seu objetivo, pois em diversos jornais o incidente ganhou mais espaço que o próprio pronunciamento de Brossard.

Na semana passada, o líder do governo havia-se utilizado do mesmo processo, tentando caracterizar o comportamento de Brossard de "subversivo", pela resposta às observações do general Figueiredo, envolvendo punição a uma emissora de Porto Alegre. Na tarde de terça-feira, Rezende chamou novamente Brossard de "subversivo" e essa sua insistência foi a causa maior para as especulações dos últimos dias, envolvendo uma possível punição revolucionária ao líder gaúcho. Mas essa especulação foi desmentida, ontem, pelo próprio líder do governo no Senado.

Portella espera o "clima esfriar"

O presidente do Senado, Petrônio Portella, informou que somente "quando o clima esfriar" realizará a reunião da Mesa Diretora da Casa com as lideranças, para acalmar os debates parlamentares e mostrou irritação com o título de uma matéria de "O Globo", que o deu como tendo censurado o discurso de Rezende.

O parlamentar do Piauí repetiu que "é muito grave, é gravíssimo mesmo porque poderemos chegar a um impasse" com a radicalização da polêmica travada entre Paulo Brossard e Eurico Rezende. Quando lhe disseram da intenção atribuída aos emendistas de deixarem o plenário quando Rezende ocupar a tribuna, bem como de lhe negarem apertes, ele comentou: "Será que eles querem destituir o líder da maioria? Eles estão assumindo uma responsabilidade muito grave".

Portella ouviu ontem à noite as fitas gravadas pelo serviço taquigráfico do Senado, a fim de conferir se é exata ou não a informação que lhe transmitiram de que foi Brossard quem iniciou a troca de insultos, dizendo a Eurico Rezende "V. Exa. está mentindo" durante os debates travados anteontem no plenário.

Parlamentares que têm conversado com ele assinalaram que o senador piauiense não esconde sua má vontade contra o líder oposicionista, nascida desde quando este chegou ao Senado em 1975 e o encontrou como líder do governo Geisel. Brossard teria, no curso de um debate, respondido asperamente quando Portella o acusou de repetir seus discursos. "Felizes os que podem repetir-se" era uma alusão à solidariedade que Portella, então governador do Piauí, prestou ao governo de Goulart, a 31 de março e que é sempre lembrada, a cada mo-

mento de sua ascensão política, nos governos revolucionários. O presidente do Senado tem revelado ainda que nunca fez uso de uma pilha de cartas oriundas do Rio Grande do Sul, embora comente: Ele tem muitos inimigos lá".

Assim Portella considera ainda que a radicalização dos debates começou com o discurso de Brossard, estreando como líder da oposição e reproduzindo, na oportunidade, editorial de um jornal carioca que o criticava asperamente: "Ele ofendeu a instituição, ofendendo minha honra funcional" costuma dizer o presidente do Senado.

Para ele ainda, segundo deputados e senadores arenistas, o tom agressivo de Eurico Rezende não tem inspiração militar nem obedece ao plano previamente estabelecido de radicalizar os debates. Ele acha, porém, que Rezende "se não recebe estímulos, não recebe, porém, por outro lado, apelos a contenção das áreas revolucionárias mais radicais e mais sensíveis às críticas de Brossard".

Não faltam, porém, deputados e senadores que responsabilizam a tensão anteontem vivida pelo Senado à expectativa gerada em torno da definição das sucessões estaduais em que são partes interessadas, diretamente, o líder da maioria, Eurico Rezende candidato ao governo capixaba e indiretamente, o presidente do Senado, Petrônio Portella, que quer fazer de seu irmão Lucídio, governador do Piauí. Já os oposicionistas preferem ver, no tom veemente das réplicas de Rezende e Portella, prestação de serviços ao governo para obtenção de êxito em seus pleitos, no Espírito Santo e Piauí.

Líder do MDB pede a gravação

Paulo Brossard requereu, ontem, à mesa do Senado, por ofício, que lhe fosse entregue uma gravação integral da sessão de terça-feira. O parlamentar gaúcho deseja ficar com a prova de que houve interesse deliberado da liderança do governo em tumultuar a sessão. O MDB não teve acesso, ainda, às notas taquigráficas da sessão, porque o material foi requisitado pelo senador Petrônio Portella. Pelas notas, verificou-se não ser procedente a informação de que Brossard chamara Eurico Rezende de "mentiroso" no início do debate. É esta sua frase registrada: "Não é verdade".

O senador Daniel Krieger discutiu, ontem, o problema com Portella. Segundo o parlamentar gaúcho, o presidente do Senado "teve o pulso necessário para resolver o problema com a Unidade". Já Teotônio Villela (Arena-AL) lamentou o clima dos debates em termos pessoais e o senador Dinarte Mariz (Arena-RN), acha que houve tempos piores. Lembrando que, em 1968, Artur Virgílio e Mário Marins, da oposição, "agitavam muito o plenário".

Teme-se que as gestões para serenar os ânimos possam vir a fracassar caso o vice-líder Gilvan Rocha (MDB-SE) venha a pronunciar um discurso violento. Ele pretende analisar,

hoje, a mensagem presidencial e partirá do princípio que "é hora de renovar a luta pela anistia".

Brossard anunciou que não mais ouvirá os discursos de Eurico Rezende, por entender que, ao invés de contestar e rebater suas críticas, o líder arenista prefere ofendê-lo. Embora preocupado com o incidente, o presidente do MDB, Ulysses Guimarães, manifestou sua confiança no êxito das gestões em curso, com o objetivo de restabelecer no Senado "o ambiente parlamentar da nossa tradição".

Tancredo Neves, por sua vez, não acredita que o incidente no Senado possa dificultar o diálogo político. Na sua opinião, na época atual é até normal a exacerbação de ânimos, prevendo que episódios semelhantes possam acontecer também na Câmara.

Já o líder do governo José Bonifácio, diz que "não falo sobre esse assunto por dois motivos. Primeiro porque não sou senador e depois porque não assisti à sessão. Não posso opinar, apesar de achar que o senador Eurico Rezende defende a boa tese, rebatendo palavras que possam ser consideradas ofensivas à Arena e ao presidente da República". Bonifácio acha que o incidente "é um fato rotineiro na política".